



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6806 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

A ESCOLA COMO DISPOSITIVO: A POTÊNCIA DO MENOR PARA UM FAZER EDUCATIVO NA DIFERENÇA

Daiana Pilar Andrade de Freitas Silva - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A ESCOLA COMO DISPOSITIVO: A POTÊNCIA DO MENOR PARA UM FAZER EDUCATIVO NA DIFERENÇA

Este trabalho é um desdobramento de uma pesquisa de doutorado realizada em uma Universidade Pública no Rio de Janeiro. Trata-se de uma pesquisa em andamento que pretende dar a ver modos outros, de ver, sentir e aprender a partir do encontro educativo, que no caso se dá entre uma professora, dita normal, e crianças, ditas com deficiências múltiplas, se atentando para o que há de singular nesta relação, isto é na diferença que nos compõe. Nesse processo de desenvolvimento da pesquisa em andamento, os conceitos de dispositivo e de educação menor se tornam fundamentais, nos ajudando a pensar a escola, os sujeitos, as relações na diferença que há entre nós, nas possibilidades do fazer educativo: modos múltiplos de ver, sentir e aprender. Portanto, neste trabalho buscamos dar a ver o dispositivo desenvolvido de Gilles Deleuze (2016), que faz um mapeamento da composição do dispositivo foucaultiano, e o conceito de menor desenvolvido por Sílvio Gallo (2013), que movimenta o pensamento em torno do que vem a ser uma educação maior e menor, tendo como referência o pensamento deleuziano de literatura menor. Expressado os conceitos, pensaremos a escola como um dispositivo agenciando-os ao fazer educativo na diferença, fazer este que inclui também escrever, narrar e pesquisar.

Pretendemos, de modo ensaístico, pensar como a ideia de dispositivo, agenciado à educação menor, pode contribuir para um fazer educativo na diferença. De que modo a ideia de dispositivo e educação menor pode nos ajudar a pensar a escola em seu cotidiano? Como estes conceitos estão implicados ao fazer educativo? Consideramos que o fazer educativo abrange os encontros, os modos como somos afetados, os agenciamentos possíveis e o que fazemos com tudo isso, implicados aos processos educativos, incluindo-se a Educação Fundamental - grupo de trabalho ao qual se destina este ensaio. Ao pensar tais questões problematizamos, repensamos e agenciamos, nesse movimento ensaiamos. O ensaiar permite desnaturalizar, estranhar o presente deslocando-se daquilo que já está dado, do instituído, para pensar sob outras perspectivas.

Gallo (2013) expõe o que vem a ser uma educação menor a partir da ideia de literatura menor de Deleuze e Guattari (1977). Os autores falam de uma literatura menor criada por Kafka, ao introduzir no alemão palavras e expressões usadas nas ruas do gueto

judeu de Praga. Kafka não criou uma nova língua, mas sim uma nova forma de escrever que não se propunha ser modelo, ser dominante como a língua maior. Segundo Gallo (2013) é aí que está a principal característica do menor “ele não é modelo e não pode tornar-se modelo, pois quando isso acontece – se acontece – ele torna-se maior, estabelecido, instituído.” (p.4).

Exposto esse conceito do menor e maior, pensaremos no dispositivo colocado por Deleuze (2016) como um conjunto multilinear que se compõe por linhas de diversas naturezas que se encontram em um permanente desequilíbrio. O dispositivo age como uma máquina de fazer ver e falar, comportando linhas de visibilidade e de enunciação, como máquinas para fazer ver e falar. A visibilidade remete a um regime de luz que distribui o visível e o invisível, que faz aparecer ou desaparecer. As linhas de enunciação indicam as diversas posições dos sujeitos e do objeto no discurso: as escolhas estratégicas, as modalidades de enunciação etc. Existem também linhas de força que se articulam a essa máquina de fazer ver e falar, elas vão e vem, se dobram sobre as outras, agenciando também as curvas de visibilidade e enunciação, definindo as possibilidades do saber a partir da dimensão do poder. E por fim as linhas de subjetivação que se traduzem no movimento, quando uma linha de força “em vez de entrar em entrelaço linear com outra força, revolteia sobre si, se exerce sobre si mesma, ou afeta a si mesma” (Deleuze, p.361, 2016). Deleuze continua explicitando que o “si” neste caso se difere das instâncias de “saber” e “poder”. Neste caso a linha de subjetivação trata-se de um processo que escapa das linhas precedentes: é uma linha de fuga.

Nesse sentido que o mapeamento do dispositivo será agenciado ao conceito de menor. Segundo Deleuze e Guattari (1977) o que Kafka cria é uma linha de fuga, uma língua outra “menor”, que se faz numa língua dominante “maior”, não é uma oposição, mas sim diferença. A literatura menor escapa as linhas precedentes, se tornando outra, sem se propor dominante: isto é linha de fuga. Ele cria uma outra possibilidade para mesma língua. É justamente nesse aspecto, que Gallo (2013) nos direciona a pensar uma educação menor como produtora de linhas de fuga, uma educação que escape. O maior é tudo aquilo que é produzido como modelo de ação, as políticas públicas que se ramificam em várias esferas, inclusive na unidade escolar, abrange tudo que é construído segundo a forma de palavras de ordem, mando e obediência, como exemplo temos a legislação, a gestão e construção de projetos. O menor diz respeito aquilo que é produzido no cotidiano escolar, o que escapa para além de qualquer modelo.

Diante das linhas puxadas partiremos então para a máquina educativa: a escola como dispositivo. De acordo com Gallo (2013) a escola moderna, procurou realizar, e ainda vem realizando um projeto de disciplinamento para produção da maioria do sujeito. Essa maioria se faz pela disciplina e pela instrução. De um lado a disciplina é algo que nega o que há de selvagem no homem, do outro a instrução é positiva fazendo com que o homem se torne prudente, reconhecendo seu lugar social: é assim que o homem adquire a maioria. Algumas perguntas enunciadas por Gallo (2013) se tornam fundamentais: onde está a autonomia do sujeito afirmada quando a maioria se trata de uma conformação dos padrões sociais? Seria possível a produção de linhas de fuga pensando a educação de modo maior? O que há de potente ao se pensar a educação de modo menor? Nesses questionamentos o cotidiano escolar ganha força de potência, constituindo-se como um espaço de passagem e não de permanência, lugar de seguir e não reproduzir, espaço possível de criação : “a criação de espaços outros de relações instituintes e criativas, no espaço instituído” (GALLO, 2013, p.10).

Diante do apresentado pensamos que “desemaranhar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é montar um mapa, mapografar, agrimensar terras desconhecidas, e é isso que ele [Foucault] chama de trabalho de campo” (DELEUZE, 2016, p.360). Pensar um fazer educativo na diferença, talvez seja isso, pensar na lógica do menor, estando na escola, com

um olhar atento as linhas que a movimentam criando talvez linhas de fuga. Nesse sentido, que a pesquisa, a escrita, o narrar são movimentos necessários como possibilidade de mapeamento do dispositivo escola, de pensamento, de criação, de potência, dando a ver o que há de singular na multiplicidade que compõe este espaço de encontros e que será desdobrado na versão completa deste trabalho.

Palavras-chave: Educação menor. Dispositivo. Diferença. Escola. Pesquisa.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. Dois regimes de loucos. Trad. Guilherme Ivo. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 359-368.

_____ ; GUATTARI, F. Kafka - por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In Ditos e Escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. 36ª Reunião Nacional da ANPED. 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia – GO. p.1-12. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13trabencomendadosilviogallo.r. Acesso em: 18/06/2020.